

AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM ESTUDO NA REDE ESTADUAL DE ENSINO DA PARAÍBA

Ruth Pereira Gomes ¹

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar a percepção dos professores a respeito do seu sofrimento, entendendo a relação de exploração profissional e o sofrimento. Trata-se de um estudo de campo, descritivo e de natureza qualitativa, no qual foi utilizado um questionário sociodemográfico e uma entrevista semiestruturada que serão analisados por meio da técnica de análise de conteúdo de Bardin. Participaram da pesquisa 26 professores da rede pública de ensino que trabalham em João Pessoa –PB, com idades entre 25 a 55 anos. Através dos resultados, ficou evidente que o trabalho desenvolvido por esses trabalhadores é marcado por queixas relacionadas a superlotação das salas de aula, dificultando o processo de ensino e aprendizagem; a falta de manutenção das ferramentas de trabalho; e dificuldades relacionadas a estrutura do ambiente de trabalho. Nesse sentido, alertamos para a importância de propiciar boas condições de trabalho, já que a persistência de uma situação de precariedade pode interferir, como vimos, na qualidade do trabalho realizado e em dimensões subjetivas que se manifestam em sentimento de exploração da atividade docente, o que pode resultar em desgaste, desmotivação e problemas de saúde.

Palavras-chave: Condições de Trabalho, Atividade docente, Trabalho.

INTRODUÇÃO

O trabalho que o professor desenvolve, nos dias de hoje, envolve uma prática de risco, pois a atividade docente é uma das mais estressantes no contexto do capitalismo contemporâneo (SOUZA & LEITE, 2011), ocasionado pelo aumento da exploração da mão de obra e pela produção exagerada de doenças, incluindo as enfermidades de ordem mental (BREILH & TILLERIA, 2009).

Na nova condição de acumulação de capital, chamado por Harvey (2008) de acumulação flexível, destaca-se a produção pela necessidade da prática de atividades diversas por um mesmo indivíduo, conforme a situação e a demanda de produtividade. Fala-se de um processo de produção que objetiva atender a maior flexibilidade dos padrões de consumo e, portanto, marcado, também, por maior flexibilidade dos processos, produtos e organização do trabalho.

¹ Pós-graduanda do Programa de Psicologia Social/ Nível Mestrado - UFPB, ruthpereiragomes@gmail.com

No contexto organizacional, predomina-se as inovações comerciais e tecnológicas designadas a atender com rapidez as imutáveis mudanças da demanda. Para os trabalhadores, a precarização das relações de trabalho são advindas da falta de compromisso dos empresários, no que diz respeito aos contratos de trabalho, o trabalho temporário e a terceirização, que resulta nos salários baixos, no desemprego e no esgotamento das lutas sindicais.

Os processos de trabalho, fazem uso, também, do intenso contexto tecnológico, referenciando a ligação do conhecimento e da responsabilidade do trabalhador para o posto de trabalho, para a informação.

A versatilidade do trabalho cada vez precinde do profissional que domina as bases científicas das operações. O desenho da produção versátil pelo qual a ciência está cada vez mais inserido a tecnologia, as máquinas, e aos meios de produção requer apenas um trabalhador que se acomode facilmente e ininterruptamente às contínuas transformações.

Para Marx (2008) o desenvolvimento do trabalho enfraquece o trabalhador, quanto mais o trabalhador aumenta sua produtividade, menos tem para consumir; que quanto mais valores cria, mais sem-valor e indigno ele se torna; quanto mais bem formado o seu produto, tanto mais deformado ele fica; quanto mais civilizado seu objeto, mais bárbaro o trabalhador; que quanto mais poderoso o trabalho, mais impotente o trabalhador se torna; quanto mais rico de espírito o trabalho, mais pobre de espírito e servo da natureza se torna o trabalhador.

A polarização da mão de obra se intensifica. Há uma fração muito reduzida de profissionais que intercede pelo acesso a educação que viabiliza o desenvolvimento dos fatores científicos imprescindíveis para o entendimento da realidade para além da sua aparência, o que abrange a sua autoridade de interceder teologicamente, no que se refere a natureza. Por outro lado, a grande parcela de trabalhadores tem permissão também a uma educação simplificada, aceitável apenas para deixá-los capazes a desenvolver o processo planejado e gerenciado pela parcela beneficiada.

Assim sendo, para a formação da mão de obra essencial para a efetivação do trabalho flexibilizado, o processo educativo é mais simples, pois não requer mais ligação dos eixos científicos sobre os quais se fundamentam as várias atividades no contexto de trabalho. Portanto, se a educação é simples, em consequência disso, a formação do docente pode ser simples também, uma vez que este não precisa conhecer toda a cientificidade acumulada pelos homens, já que não cabe mais transmiti-lo.

Nesse contexto, o professor retira-se, na maior parte das vezes, de ser o agente que transmite o conhecimento produzido pelos homens e organizado na escola, agindo agora,

como auxiliar do aluno, futuro trabalhador, a compreender ou manter uma condição de empregabilidade. Se, por um modo, como a mão de obra, em alguma circunstância a valorização do professor muda, o seu valor também se enfraquece, pois sua atuação, agora mais simplificada, obriga menos tempo de atividade social.

Esse contexto causa sofrimento ao professor, tanto pela perda considerável de atividades, quanto pelo enfraquecimento de valor em relação sua força de trabalho, o que os obriga a se submeter a piores condições de trabalho e maior grau de exploração que lhes ofereça uma situação financeira melhor, que viabilize uma qualidade de vida aceitável. Segundo Esteve (1999) conceitua a indisposição do professor, como um tipo de doença social consequência pela ausência do suporte da população ao docente, valorização financeira, apoio da gestão e motivação do alunado, provocando a falta de interesse com a sua própria atividade.

Vários estudos apresentam, nos dias de hoje, o aspecto do sofrimento mental dos professores, todavia, o fazem fatores predominantemente psicológicos e biomédicos, apontados pelas demarcações analíticas da clínica de cunho positivo, sem considerar o âmbito econômico.

Assim sendo, propõe-se no presente estudo analisar o sofrimento dos professores a partir de sua percepção, objetivando favorecer ações de melhoria nas condições de trabalho, visando reduzir os fatores que implicam no sofrimento dos professores, nesta pesquisa constituiu-se como objetivo expor a relação entre a exploração docente e o sofrimento.

METODOLOGIA

Tratou-se de uma pesquisa de campo descritiva, de natureza qualitativa que, de acordo com Gil (2017), tem como objetivo a descrição das características de uma população, fenômeno ou de uma experiência; envolvendo técnicas padronizadas de coleta de dados como questionários e observação sistemática.

A pesquisa qualitativa, em todos os seus aspectos, é empregada para a compreensão de fenômenos caracterizados por muita complexidade interna. A análise dos dados é feita de modo intuitiva e indutivamente pelo pesquisador, uma vez que não foram utilizadas técnicas e procedimentos estatísticos e, finalmente, seu grande cuidado foi na interpretação de fenômenos e na atribuição de resultados.

A pesquisa foi realizada em uma das Escola Estadual de Ensino Médio, localizada em João Pessoa. A referida escola atende em tempo integral a alunos do ensino médio e

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

atualmente desenvolve cursos técnicos voltados à preparação de pessoas para o mercado de trabalho.

Participaram dessa pesquisa 26 pessoas, homens e mulheres entre 25 a 55 anos, escolhidos dentre a população de colaboradores da escola, tendo como critério de exclusão desta pesquisa, o voluntário que não esteja cumprindo carga horária completa entre 40 e 44h semanais; e que não faça parte do quadro de professores da instituição de ensino pesquisada; tendo como critério de inclusão, todos os professores que estivessem em exercício profissional.

Foram utilizados dois instrumentos: um questionário sociodemográfico que tem como objetivo traçar o perfil dos colaboradores; e outro específico sendo uma entrevista semiestruturada, em que o entrevistador elabora questionamentos predefinidos, mas ao mesmo tempo mantém a liberdade para tal atividade, demonstrando interesse na coleta das informações voltadas aos objetivos da pesquisa, escolhidos pela técnica não probabilística por conveniência.

Os dados sociodemográficos foram analisados através do programa estatístico SPSS em sua versão mais recente, e a entrevista semiestruturada foi avaliada através da análise de conteúdo de Bardin. Segundo Bardin (2016), “a análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplica a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”; ainda segundo a autora, uma análise de conteúdo não deixa de ser uma análise de significados, ao contrário, ocupa-se de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo extraído das comunicações e sua respectiva interpretação.

Este estudo foi realizado em consonância com os aspectos éticos pertinentes à pesquisa envolvendo seres humanos, conforme a resolução nº 466/12, no que tange aos parâmetros legais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante a análise dos dados extraídos do questionário sócio demográfico foi possível verificar que a média de idade dos participantes da pesquisa em questão foi de 30 anos, a maioria sendo casados (18,46%), com nível superior completo (13,07%). Outro aspecto a ser evidenciado foi o tempo de labor da profissão, onde todos os participantes têm mais de 6 anos de exercício. Responderam a entrevista professores de nível médio, sendo 4 de Português, 4 de Matemática, 3 de História, 5 Geografia; 1 de Biologia; 1 Sociologia; 2 de Física; 3 de

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

Química, 1 de Educação Física; 1 de Inglês e 1 de Espanhol. Na tabela 1 observam-se as comparações das frequências no que tange a sexo, idade, renda e escolaridade.

Tabela 1 – Perfil Sociodemográfico

Sexo	F	%
Feminino	16	62 %
Masculino	10	38 %
Idade		
Entre 20 e 30	10	38 %
Entre 31 e 40	8	31 %
Entre 41 e 50	8	31 %
Estado Civil		
Solteiro	24	92 %
Casado	2	8 %
Renda		
Até 3 salários	16	62 %
De 4 a 6 salários	10	38 %
Escolaridade		
Ensino Superior	17	65 %
Especialização	1	4 %
Mestrado/Doutorado	8	31 %

A subjetividade do trabalho docente

O trabalho só se realiza se os integrantes no processo assim o desejarem, fato que, de acordo com Dejours (2016), a mobilização subjetiva implica em: esforços da inteligência/engenhosidade no enfrentamento do real; esforços de elaboração de opiniões na tentativa de solucionar problemas ou lidar com as contradições do trabalho. Essa categoria envolve as subcategorias evidenciadas na tabela 2: Reconhecimento; as relações com os colegas de trabalho; e Fontes de Prazer e Sofrimento dos participantes da pesquisa.

Para Macêdo e Fleury (2012) o reconhecimento é oriundo do engajamento da subjetividade e da inteligência de cada um na realização de uma tarefa. Os indivíduos sempre irão esperar uma retribuição pelo trabalho prestado, seja ele simbólico ou material uma vez que, o reconhecimento possibilita a construção do sentido do trabalho atuando na história pessoal e nas expectativas de cada um (NEVES; SELIGMAN-SILVA; ATHAYDE,2017)

Nesse sentido, a falta de reconhecimento por parte da instituição ou do sistema ao qual o profissional está ligado coíbe o indivíduo de operar essa transformação do sofrimento em prazer, tendo-se como evidências desse não reconhecimento a desvalorização salarial e as péssimas condições de trabalho, caracterizando-se tal ambiente de trabalho como fonte de sofrimento.

(...) Infelizmente aqui eu não ganho bem, como sou prestadora eu não ganho as bolsas que os efetivos ganham, e não tem nenhuma valorização ou programação de reconhecimento para nós prestadores.

(...)Percebo sim uma diferença entre efetivos e contratados apenas no salário, o que nos deixa sem motivação muitas vezes pra trabalhar, porque exercemos a mesma atividade, mas o salário é diferente.

Dejours (2016) desenvolve a questão do reconhecimento sobre duas dimensões: a primeira é o reconhecimento vertical que está relacionado com a utilidade e parte-se da chefia ou de clientes; a segunda diz respeito a contribuição do colaborador e a inteligência e trata-se do julgamento de beleza, o mesmo autor afirma que esse julgamento, realizado pelos pares, é de suma importância para a construção da identidade do sujeito na medida em que o situa em sua comunidade de pertença.

Ao questioná-los a respeito da subcategoria reconhecimento, obtive-se ao todo respostas positivas no que tange sobre o reconhecimento dos alunos, os quais foram analisados nas seguintes falas:

(...)Me sinto reconhecida pelos meus alunos, é muito bom perceber que eles estão aprendendo e gostando.

(...)Reconhecimento do meu trabalho? Eu tenho dos alunos, quando eles chegam pra mim e dizem: professor hoje a sua aula foi 10. Essa música fez toda a diferença

(...)Os alunos nos dão total reconhecimento e é muito bom isso. Da gestão, não temos. Setor público não tem disso, cada um é por si.

Pode-se perceber na presença das respostas que apenas um tipo de reconhecimento foi encontrado, o de beleza, aquele que parte dos alunos, do sentimento de gratidão. De forma geral, pode-se identificar que os professores se sentem reconhecidos pelo seu trabalho pois o que move o prazer da sua atividade é a evolução do seu próprio aluno. No entanto, é importante mencionar a coexistência do reconhecimento vertical nas esferas do serviço público, pois a sua ausência pode gerar um sentimento de desvalorização que pode influenciar negativamente a saúde mental e o exercício profissional do indivíduo.

No que tange às relações com os colegas de trabalho, foi unânime a opinião de um bom relacionamento e de uma boa comunicação.

(...)Meu relacionamento com os meus colegas de trabalho e com a chefia são muito bons, não tenho do que reclamar. Eu chego aqui e já vou para sala dos professores brincar com eles, assim também é na hora do intervalo. (Entrevista 22)

(...)Ah, é uma festa. Tem dias que nos confraternizamos aqui. Cada um traz um prato pra gente almoçar, quando estamos enjoados da comida daqui, a gente se junta e faz a festa no intervalo. (Entrevista 16)

(...) Quando tem alguém passando por necessidade a gente ajuda, a gente sabe que o salário é muito pouco para alguém sustentar uma família, então a gente ajuda. A gente quer ver o nosso colega sempre bem. (Entrevista 13)

(...)Obvio que as vezes temos desentendimentos por opiniões diferentes, mas nunca cheguei a presenciar nada muito sério. Tudo é resolvido no diálogo. Somos família, tem núcleo aqui que chama as pessoas mais velhas de pai e mãe. Isso é legal! (Entrevista 19)

As falas acima mostram uma relação de plena cooperação e companheirismo, o que se torna um ambiente que evita situações de sofrimento causadas por contextos de extremo desprazer. A questão de diferenças entre os pares aparece apenas em uma entrevista, o que faz refletir de que este aspecto não se sobrepõe negativamente nas relações. Guérin *et al* (2001); ressaltam que o “mesmo posto de trabalho” ocupado por duas pessoas diferentes constituirá duas situações de trabalho, o que se justifica pela variabilidade interindividual, pois o produto da atividade de um trabalhador é sempre singular, seja ele um objeto, parte de um objeto, ou um serviço.

Com relação ao relacionamento entre as chefias, também foi considerado bom. Foi relatado alguns desentendimentos e conflitos com a direção em apenas cinco dos entrevistados, mas que foram por razões políticas (eleições para direção da escola) e que sempre procuram resolver as diferenças dentro dos corredores da instituição.

(...)A gente percebe uma disputa política na escola, e muitas vezes a gente não tem como evitar conflitos. Aquele ditado popular não se discute sobre política, religião e futebol é o ditado mais certo que existe. (Entrevista 10)

(...)As vezes é chato porque fica causando um certo mal-estar entre as pessoas envolvidas, mas depois fica tudo bem, depois que passa as eleições. (Entrevista 13)

De acordo com Dejours (2018), o trabalho, em certas condições, pode facilitar o surgimento do sofrimento. Todavia, o trabalho pode também ser fonte de prazer e contribuir efetivamente para manutenção da saúde mental. Dejours (1993) afirma que a questão remete mais uma vez às características da organização de trabalho, que deve permitir acesso ao prazer, e, portanto, à saúde mental e do corpo. Partindo desse pressuposto, o prazer e o sofrimento advêm de uma dinâmica particular das organizações e situações de trabalho.

(...) Fonte de prazer é a aula, em si, eu gosto muito da aula, não parei na educação física por acidente, eu parei porque eu realmente quis, aí eu me sinto realizado quando dou aula, é um prazer que eu tenho (Entrevista 4)

(...)Prazer, o local de trabalho, o trabalho que eu realizo me dá muito prazer, eu gosto muito de ensinar (Entrevista 5).

(...)Eu gosto muito do que eu faço, na verdade a docência você ama ou odeia. E eu amo! (Entrevista 7)

As fontes de prazer no trabalho foram relacionadas com o sentimento de felicidade a profissão, as falas acima nos permitem enxergar a grandiosidade que o trabalho ocupa na vida das pessoas.

Em relação as fontes de sofrimento do professor na escola pesquisada, várias situações foram relatadas e a entrevista que mais abrange a diversidade de contextos de sofrimento foi exposta abaixo:

(...) E o sofrimento é quando existe algo que eu não controlo, por exemplo, a gente passou alguns dias aqui com o horário provisório, a gente ficava sabendo a aula que

a gente ia dar no dia seguinte, um dia antes. então a gente não conseguia planejar bem, quando a gente não consegue planejar bem, a aula não sai com qualidade. Essas situações que ocorrem, volta e meia ocorre algo do tipo, falta água, ou é... alguém vai usar o ginásio... e você não prevê, né? É as coisas que eu não consigo controlar, o imprevisto, no geral, me causa sofrimento. (Entrevista 11)

Diante de tais situações, ainda que o professor lance mão de defesas para se proteger dessa proximidade com o sofrimento, não há como sair ileso. Felix (2015) fala que as estratégias defensivas permitem a manutenção do equilíbrio psíquico, quando em situações desestabilizantes, eles podem falhar e trazer graves prejuízos à saúde dos indivíduos. Por isso, ter consciência das fontes de sofrimento e enfrentá-las seria uma forma de exercer controle sobre elas e construir estratégias criativas de superá-las.

Condições de Trabalho

No que diz respeito as condições de trabalho, muitos foram os depoimentos acerca do número de turmas, bem como a quantidade de alunos, o que segundo o que foi relatado nas entrevistas é a dificuldade em sala devido a superlotação das salas e sem espaços que possam viabilizar o ensino; a falta de estrutura, ao que se refere ambiente físico, a falta de material escolar para os professores, equipamentos, salário, benefícios, jornada de trabalho e treinamentos.

Em relação as instalações da escola não oferecem condições favoráveis para o bom desempenho da atividade. Essa questão já havia sido antecipada nas categorias do reconhecimento e de fontes de prazer e sofrimento no trabalho.

(...)Essas situações que ocorrem, volte e meia ocorre algo do tipo, falta água, ou é... alguém vai usar o ginásio... e você não prevê, né? É as coisas que eu não consigo controlar, o imprevisto, no geral, me causa sofrimento. (Entrevista 11)

(...)Todas as salas têm ar condicionado, mas não é usado. É absurdo o cidadão pagar seu imposto e seu filho não utilizar na escola, tudo porque compraram os ar condicionado, mas não estruturaram a rede elétrica, ai quando fomos ligar ficamos sem energia, a rede não aguentou. Até os alunos já protestaram, mas nada ocorreu. (Entrevista 18)

(...)É horrível quando falta água, isso ocorre com frequência. Quando isso ocorre temos que dispensar os alunos. (Entrevista 16)

(...)As janelas estão quebradas de algumas salas. A escola precisa de manutenção frequente e isso não existe aqui, fiscalização é mato. Todo dia tem pra ver se estamos fazendo as ações impostas. (Entrevista 14)

(...)Um dia desses fui aplicar prova do Enem na sala lá do fundo e começou a chover, e tive que praticamente parar com a prova porque a chuva estava molhando a todos na fileira próxima as janelas e goteiras nos ventiladores. (Entrevista 12)

Os entrevistados explicitam que esse contexto reflete diretamente em sua atividade, pois mexe com a concentração dos alunos e impacta diretamente no desempenho deles.

(...)No final disso tudo nós, professores, que somos os culpados por não disponibilizar condições favoráveis para aprendizagem. Se as pessoas entendessem que quando um professor decide paralisar é porque a situação já passou da precariedade. Gente, nosso salário é extremamente baixo, o que faz o poder

legislativo e executivo ganharem mais? Se eles têm de passar por um professor!
(Entrevista 13)

(...)É bem difícil quando a gente tem que mandar o aluno embora, porque faltou água ou por qualquer outro motivo. E quando fazemos isso, somos taxados de profissionais que não querem nada com nada. Já teve mãe aqui xingando um colega meu. É absurdo! (Entrevista 20)

A fala acima revela uma grande falha técnica do serviço, inviabilizando a construção de uma aprendizagem que poderia ser edificante para os alunos. Com isso, eles perdem um tempo considerável tendo que, em muitas vezes, remarcar aulas aos sábados para suprir as necessidades, gerando sofrimento no profissional, uma vez que este irá utilizar o seu dia de folga para trabalhar. Dejours e Abdoucheli (2015) definem as condições de trabalho como as pressões físicas, mecânicas, químicas e biológicas do posto de trabalho. Tais pressões têm por alvo principal o corpo dos trabalhadores, podendo ocasionar desgastes, envelhecimento e doenças somáticas.

Como sugestão de melhoria ao ambiente físico, foi apontada a necessidade de manutenção regular da rede elétrica e manutenção predial.

Em relação aos equipamentos escolares (materiais escolares e equipamentos em geral) que o professor faz uso, na opinião dos entrevistados expõe a total falta de insumos, materiais e equipamentos que são de fundamental importância para o bom desempenho das atividades. Foi apontado a real necessidade de se investir, uma vez que a Escola Cidadã estabelece um roteiro a seguir, mas que a falta de insumos freia a dinamicidade das aulas.

(...)Ah não temos material pra trabalhar, temos que comprar. Por muitas vezes compro caneta, papel. (Entrevista 22)

(...)Gente, a gente lida com pessoas que não tem condições de comprar uma borracha. A gente percebe que muitas vezes o material usado do ano passado é o mesmo material que o aluno usa no presente ano. Ai nesses casos a gente ajuda. (Entrevista 15)

(...)A fiscalização bate aqui na escola e cobra a gente por algo que não conseguimos fazer, é impossível. A gente fica pedindo, pedindo e pedindo e eles se irritam, como se a gente tivesse pedindo dinheiro. (Entrevista 26)

(...)Temos apenas um datashow numa escola de quarenta professores, como trabalhar? Como levar vídeos, trechos de filmes, músicas se não temos Tv, vídeo, caixa de som. É difícil. E somos cobrados por isso, tem professor que acabou comprando do bolso para não escutar “mimimi”, mas é caro um equipamento desse e você está mantendo-o. Para mim é inviável eu comprar. (Entrevista 18)

Dessa forma, conclui-se que os entrevistados utilizam da inteligência astuciosa pois o “trazer de casa” ou “comprar do meu bolso” indicam uma manobra para que seja feito o trabalho, ainda que não seja da forma como planejado. Desse modo, deixam evidente a real necessidade de se investir em materiais e equipamentos que são imprescindíveis para a realização do trabalho do professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A carga horária semanal do professor e o número de alunos por turma demonstrou ser fator indicativo para sofrimento. O enfrentamento efetivo dos problemas sucedidos pelo trabalho do professor requer a identificação dos processos protetores e destrutivos da saúde desses profissionais, para a ação do que é deletérico e o formento do que é protetor. Tais ações de prevenção e de promoção a saúde, obrigam, que se tenha um norte sobre a intervenção na estrutura social, que é o que determina em ultimo caso, a ocorrência dos processos particulares na vida dos professores, que em consequência, determina os processos individuais de saúde e doença expressos nos professores. O comportamento comum, transcrito ao corpo e a ação tradicional das pessoas, intervém, tão somente nas consequências, ou seja, na parte superficial dos fenômenos.

No que diz respeito as relações subjetivas voltamos a falar sobre a questão do reconhecimento e nessa categoria ficou evidente que existe dois tipos de reconhecimento: aquele que é obtido pela gestão, onde nas condições trabalho ficou claro o sofrimento evidenciado e aquele que é obtido pelos alunos, pois é deles que há entusiasmo no professor, revelando que é importante para que ele se sinta motivado.

Quanto as relações com os colegas de trabalho, foi unânime, entre os entrevistados, a opinião de que há um bom relacionamento, baseado no profissionalismo, no respeito e na busca em melhor ensinar ao seu aluno. Outra questão que merece atenção são as relações no momento de eleições, o que de certa forma a comunicação fica comprometida entre os professores em detrimento dos lados que são escolhidos e defendidos, mas também ficou claro que os conflitos existentes são resolvidos, e que isso não reflete no desempenho do professor em sala de aula.

As fontes de prazer e sofrimento, se localizam no exercício da profissão em sala, quando o aluno reconhece seu trabalho e quando o mesmo aluno repudia juntamente com os pais. Outra fonte de sofrimento citada pelos entrevistados, é a limitação de recursos e a imprevisibilidade das situações, o desmembramento do planejado causa dor e essa proximidade com o sofrimento faz com que os professores não tenham visão para ressignificar.

As condições de trabalho também merecem atenção nessa pesquisa, em decorrência das suas instalações precárias e inadequadas, onde a parte elétrica esta comprometida e a estrutura das portas e janelas precisam de manutenção. Esse fator emergiu em vários momentos na entrevista, onde os professores atribuem as limitações de suas atividades

também a estrutura física do prédio, com precárias instalações e principalmente sem espaço físico para desenvolver atividades pré-determinadas pelo “Escola Cidadã”. Diante de tal realidade, muitas vezes, os professores lançam mão da “criatividade”, não tem custos sobre o desempenho e a qualidade do serviço prestado, como fatores determinantes para que o trabalho aconteça.

Nesse sentido, alertamos para a importância de propiciar boas condições de trabalho, já que a persistência de uma situação de precariedade pode interferir, como vimos, na qualidade do trabalho realizado e em dimensões subjetivas que se manifestam em sentimentos de “não reconhecimento”, “de não se obter o melhor resultado”, o que pode resultar em desgaste, desmotivação e problemas de saúde.

Por fim, entendemos que esse estudo deveria fomentar a realização de outros semelhantes em outros espaços da educação, de tal sorte que possamos mapear com mais consistência a atividade do professor, produzindo transformações em vários níveis, institucional, legal, da formação profissional.

REFERÊNCIAS

BREILH, Jaime; TILLERIA, Ylonka. **Aceleración y despojo en Ecuador: el retroceso del derecho a la salud en la era neoliberal**. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, Ediciones Abya-Yala, 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

DEJOURS, C. **Cristophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. S. Lancman (org). Brasília: FIOCRUZ/Paralelo 15. 3 ed. 2016.

DEJOURS, C. **A Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho**. São Paulo: Cortês-Oborê, 1987, 1992, 2003, 2018.

DEJOURS, C. **Por um trabalho, fator de equilíbrio**. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, 33, PP. 98-104. 1993

DEJOURS, C. & Abdoucheli. Itinerário Teórico em Psicopatologia do Trabalho. In: Dejours, C., Abdoucheli, E. & Jayet, C. **Psicodinâmica do Trabalho: Contribuições da Escola Dejouriana à Análise da Relação Prazer, Sofrimento e Trabalho**. São Paulo: Atlas. 2015.

ESTEVE, José. M. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Bauru: Edusc, 1999.

FELIX, Y. T. M. **Análise da atividade dos técnicos em enfermagem do SAMU.**(Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, Brasil). Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, 2015.

GUÉRIN et al. **Compreender o trabalho para transformá-lo.** São Paulo: Edgard Blucher, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** 17. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

MACÊDO, K B. & Fleury, A. R.D. **O mal estar docente para além da modernidade: uma análise psicodinâmica.** Revista Amazônica, 9 (2), 217-238. 2012.

NEVES, M. Y., Seligmann-Silva, E. & Athayde, M. Saúde Mental e Trabalho: um campo de estudo em construção. In: Araújo, A., Alberto, M. F., Neves, M. Y. & Athayde, M. (Orgs). **Cenários do Trabalho: subjetividade, movimento e enigma.** Rio de Janeiro: DP&A. 2017.

SOUZA, Aparecida N.; LEITE, Marcia P. **Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil.** Educação & Sociedade, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1.105-1.121, out.-dez. 2011.